

Moura

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 **IGNAZIO SILONE** **RAFAEL REGINATO MOURA** em junho 10, 2022



Imagem: pxhere.com

Il segreto di Luca, romance publicado por Ignazio Silone em 1956, obteve o reconhecimento crítico positivo na Itália que o autor de *Fontamara* e *Pane e Vino* (e depois *Vino e Pane*) ainda não havia alcançado em seu país. Silone, por esta altura, já havia retornado do exílio de mais de dezessete anos na Suíça por conta do regime fascista italiano e reingressado no Partido Socialista Italiano, pelo qual havia sido eleito deputado em 1944 e participado da Assembleia Constituinte em 1946. As marcas do exílio, do assassinato brutal do irmão caçula Romolo Tranquilli na prisão fascista e da perseguição política sofrida durante anos, inclusive sendo monitorado quando estava já fora do país, deixaram marcas na personalidade do escritor. Vittoriano Esposito relembra, em entrevista, de um encontro ocorrido na metade da década de 1940, quando ainda era adolescente, com o escritor abruçês, na oportunidade retornado do exílio há mais de um ano. A conversa ocorrida na casa de Agostino Carusi na cidade de Celano envolvia outras pessoas e a presença de Silone causou grave impressão no jovem ouvinte: “Durante a conversa, os silêncios de Silone me chamaram mais atenção do que as suas palavras. Em seu semblante liam-se os evidentes sinais de tormento[1]”. O silêncio de Silone, o seu olhar distante e penetrante, responde, na mesma medida, ao silêncio da crítica italiana em relação às suas primeiras obras, ainda que já consagradas em outros países, à distância de sua terra natal por mais de uma década de sofrimento, à desilusão política, à luta antifascista que roubou preciosos anos de sua vida e de sua saúde.

Luca Sabatini, antigo *cafone* que nas primeiras páginas de *Il Segreto di Luca* chega andrajoso à pequena cidade de Cisterna, carrega consigo um silêncio profundo. Septuagenário, Luca está retornando ao povoado, após mais de 40 anos de ausência, e encontra a terra agreste, tomada de arbustos, as ruas desertas, desabitadas, as portas e janelas cerradas, silenciosas. A primeira pessoa que o vê chegar à cidade, ainda no atalho pedregoso de acesso, é uma jovem camponesa. Ao perguntar sobre a procedência do miserável velho, ela apenas recebe como resposta o seu silêncio. E assim, em silêncio, Luca responderá ainda a outros personagens, curiosos com seu retorno. Mesmo diante de um recíproco admirador, Andrea Cipriani, filho do melhor amigo de seu pai e que também ficara preso por 12 anos como revolucionário *partigiano*, Luca repete a mesma reação silenciosa às perguntas do interlocutor: “Por que você não se defendeu durante o processo de acusação?[2]”, “Por que não quis revelar onde passou a noite do delito?[3]” O silêncio de Luca é o seu segredo, sua maneira de elaborar a dor, mesmo a do luto pela morte de Teresa, sua mãe, enquanto se manteve mais de quatro décadas inocentemente preso. É Andrea Cipriani quem revelará um outro segredo: quando criança, encarregou-se de escrever cartas para Luca na prisão, a pedido de sua mãe e passando-se por ela. A mãe analfabeta somente podia se comunicar com o filho por intermédio de Andrea Cipriani. O silêncio das palavras da mãe é transposto ao papel pela criança em formação, espécie de tradução do mundo adulto, do drama familiar, da injustiça dos homens. É um silêncio materno estranhamente conivente porque sabe da inocência do filho, mas entende que a condenação ao *ergastolo*[4] preserva a escrita de seu destino, como um pecado não cometido pelo qual, ainda assim, deve purgar. O contorno religioso, rígido à escrita do destino, à purificação do martírio, pode ser lido pela maneira como a mãe iletrada assinava as cartas que a criança Andrea escrevia ao filho detido: assinalando no papel uma pequena cruz. O destino do *ergastolo* apenas será alterado pela confissão de outro velho da cidade, já às portas da morte, admitindo ter assassinado um homem na estrada de Avezzano, crime pelo qual Luca injustamente pagara.

O silêncio também se alastrará sobre todos os que Andrea Cipriani, retornado a Cisterna para receber uma homenagem do poder municipal, procurará interrogar na região. Num primeiro momento, é como se todos os antigos moradores respeitassem o desejo de um inocente em não se manifestar, mesmo quando esteve diante do júri, sobre os fatos ocorridos na noite do crime. Porque não se encontrava dentro de sua casa quando o infortúnio ocorreu, Luca tornou-se automaticamente à época o único suspeito. É Gelsomina, prima da falecida Lauretta, namorada de Luca à época do crime, quem revelará a Andrea alguns detalhes sobre o condenado: “Era uma jovem sério, bem estimado, mas fechado[5]”. Gelsomina ainda o descreverá como taciturno, reservado e pensativo, o que lhe garantia a simpatia da família da namorada. O silêncio de Luca, no entanto, revelar-se-á como resignação religiosa perante um amor impossível por Ortensia, a bela sobrinha de Agnese. Dali em diante, mesmo tendo sido prometido a Lauretta, Luca silenciará. Percebendo-o atormentado e deprimido em seu silêncio, Ortensia, a esta altura já casada com don Silvio, proporá à família dele que encontre uma esposa, já que nem mesmo a emigração de Luca para outro país garantiria a sua paz. A certa altura, como forma de livrar Ortensia daquele amor proibido e Luca de seu tormento silencioso, o padre don Serafino lança a revelação: “A prisão perpétua era uma saída[6]”.



O pacto silencioso pelo *ergastolo* é estabelecido entre Luca e todos os demais moradores da região. Sabedores de sua inocência, familiares, amigos e moradores não testemunharão a seu favor, respeitando o silêncio de Luca que rechaçou qualquer defesa no processo. O amor proibido de Ortensia somente poderá ser reconhecido após o *ergastolo* dela também. Depois da condenação voluntária de Luca por amá-la perdidamente, Ortensia decide passar o resto de sua vida num monastério: “Agora não poderei mais viver sem pensar nele. Há histórias de homens que aceitaram a morte pelo próprio amor; mas Luca fez muito mais do que isso. A prisão perpétua é mais do que a morte. A morte dura um átimo e requer uma coragem momentânea; a prisão perpétua é uma existência”.

Dedicar o restante de sua vida ao monastério, como *ergastolo*, prisão perpétua, também é maneira de encerrar-se no próprio silêncio. Ortensia escolhe religiosamente o mesmo destino que Luca, o único possível, o que se aproxima de uma contemplação diária da morte, de uma morte vívida todos os dias. Se é o átimo dessa existência - o segundo que antecede a morte, o instante que reúne toda a angústia e sofrimento, todos os tempos e experiências de uma vida em lembrança – que, ao fim ao cabo, importará, o *ergastolo* apresenta-se então como lugar de elaboração ontológica, do pensamento radical da morte revolvendo-se a cada dia. A morte em vida é também afasia, silêncio entranhando-se nas rasuras do pensamento. A morte e, no caso de *Il segreto di Luca*, o *ergastolo*, abrem-se a relações dentro de um espaço estético, inauguram no romance um *phatos* do pensamento, como aponta Franco Rella. O esquecimento das palavras, seu silenciamento, pode refulgir como pensamento ou gesto artístico, literário: “Qual é então a tarefa da arte? [...] é a de dar figura aquilo que não tem expressão [...] testemunhar o mundo, mas também a destruição das palavras que falam o mundo, testemunhar, portanto, a afasia do mundo[7]”. Em sua visita ao monastério onde viveu Ortensia para investigar o segredo que escondia a condenação de Luca, Andrea Cipriani recebe da abadessa a informação de que Ortensia, em seus últimos anos, havia perdido o movimento das pernas e passava o tempo bordando e escrevendo nas páginas de um diário íntimo. A madre abadessa ainda acrescenta: “Escrevia com grande lentidão, refletindo às vezes dias inteiros sobre uma palavra ou sobre uma frase curta. Sentindo-se morrer, obtém do confessor a permissão de deixar comigo um certo número de páginas de seu diário. ‘São para Luca’, me disse”[8]. O silêncio torna-se escrita, demora artesã em busca da forma perfeita, lapidação e lápide, *phatos* do pensamento, maneira de se comunicar com o ser amado. Confissão amorosa, portanto, mas que vaticina o porvir. A ponte silenciosamente afásica entre o *ergastolo* e o monastério somente se abrirá em palavras muitos anos após, depois de Ortensia já morta, depois que Luca saísse da prisão inocentado, depois que Andrea entregasse a ele as cartas escritas no claustro. Abertura e fechamento, liberdade e claustro, vida e morte, amor e silêncio, reúnem-se num átimo. O gesto de escrever no cárcere, onde Luca troca cartas com a mãe (e com a criança em formação Andrea), repete-se em Ortensia como memória, diário íntimo do que viveu enquanto amor. É assim que o padre don Serafino, ao se aproximar da porta entreaberta do quarto de Luca e vê-lo sentado como *cafone* lendo as cartas de Ortensia, os olhos banhados em lágrimas, perceberá a sua felicidade convulsa e falará ao velho *cafone* ex-prisioneiro: “Não acredite que um instante de felicidade seja pouco. A felicidade existe somente sob a forma de átimos[9]”.

Se a morte atrita a vida, o *ergastolo* enquanto espaço improvável contém em *Il segreto di Luca* o átimo do amor, maneira de salvar-se do rancor, da resignação, da opressão de classe, dos presságios de uma natureza humana que, embora sob o signo da fé cristã, católica, pode encobrir até mesmo aquilo que Umberto Eco denominou de “fascismo eterno” e que, na Itália Meridional, agrária, campesina, pobre e arruinada, encontrou eco numa mentalidade que, a despeito de sua ancestralidade mágica, conservou a contradição puritana e, por vezes, mascarada. Nas últimas páginas do romance, enquanto se despedem um do outro, Luca confessa a Andrea a sua inocência, jamais compreendida ou aceita num lugar como Cisterna:

“Que eu não fosse um assassino” disse Luca “acho que todos aqui sabiam, à exceção dos policiais. Como poderia explicar, de outra forma, o rancor que os velhos daqui ainda hoje sentem por mim? Você sabia que, na época da última banditagem[10] (eu recorde bem porque já era jovem) muitos homens daqui procuraram esconderijos para si e cometeram assaltos e homicídios: e, mesmo assim, a maioria da população simpatizava com eles. Mas o meu delito, aos olhos dos moradores daqui, era de outro gênero, muito pior”[11].

Como citar: MOURA, Rafael Reginato. "O silêncio de Luca: do ergastolo à secreta afasia", v. 3, n. 2, mai-ago, 2022. Disponível em:

[1] PETERLE, Patricia. “Testemunho de um encontro e de leituras – entrevista a Vittoriano Esposito – Patricia Peterle”. In: *Ignazio Silone: ontem e hoje*. Niterói, RJ: 2010, p. 99.

[2] SILONE, Ignazio. *Il segreto di Luca*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1956, p. 60 – tradução minha. Texto original: “Perché non ti difendesti al processo?”

[3] Idem, p. 60 – tradução minha. Texto original: “Perché rifiutasti di rivelare dove passati la notte del delitto?”

[4] O advento do *ergastolo* (prisão perpétua, em português) é recorrente na obra de Ignazio Silone. Em *Fontamara*, seu romance de estreia, a paisagem montanhosa e árida que circunda a aldeia imaginária dos *cafoni* como um anfiteatro a céu aberto representa um espaço sem saída, assim como suas vidas condenadas à opressão, à injustiça, à miséria e aos dias sempre iguais também se apresentam como um *ergastolo*. Não se pode furtar aqui de comparar tal situação à experiência de Silone no exílio por mais de uma década, condenado a viver longe de sua terra natal, assim como seu contato político que já vislumbrava um aprisionamento conjuntural entre os totalitarismos negro do fascismo italiano e vermelho do estalinismo, os quais necessitou ingloriamente combater. O *ergastolo* siloniano se desvela como angústia do tempo, o passado trágico pela perda de entes queridos, a solidão indecifrável, a desilusão elaborada como a que o levou ao sanatório de Davos, mas também à escrita literária salvífica, curadora. Silone viveu seu destino como um *ergastolo*, sua vida como tentativa desesperada de encontrar uma *uscita di sicurezza*.

[5] SILONE, op. cit., p. 126 – tradução minha. Texto original: “Era un ragazzo serio, ritenuto, chiuso”.

[6] Idem, p. 152 – tradução minha. Texto original: “L’ergastolo era una via d’uscita”.

[7] RELLA, Franco. *Limiares: entre arte e filosofia*. Trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2021, p. 21.

[8] SILONE, op. cit., p. 167 – tradução minha. Texto original: “Scriveva con grandissima lentezza, riflettendo talvolta giornate intiere su una parola o su una breve frase. Sentendosi morire, ottene dal confessore di poter lasciare a me un certo numero di pagine del suo diario. ‘Sono per Luca’ mi disse”.

[9] Idem, p. 172 – tradução minha. Texto original: “Non credere mica che un instante di felicità sia poco. La felicità esiste solo sotto forma di attimi”.

[10] A referência aos “bandidos” é recorrente na cultura meridional da Itália, angariando muitas vezes a simpatia dos camponeses oprimidos e tomando-se lendários ou míticos dentro da mundividência campesina. Em *Cristo parou em Eboli*, Carlo Levi, ao observar o modo de ver dos camponeses da Lucânia (hoje Basilicata), faz diversas alusões aos “bandidos” que em tempos remotos perambulavam por aquelas aldeias e povoados.

[11] SILONE, op. cit., p. 192 – tradução minha. Texto original: “Che io non fossi un assassino” disse Luca “credo che qui lo sapessero tutti, a eccezione, e” intende, dei carabinieri. Come si spiegherebbe altrimenti il rancore che i vecchi ancora oggi mi portano? Devi sapere che, all’epoca dell’ultimo brigantaggio (me ne recorde bene perché ero già un ragazzo) anche un paio d’uomini di qui si diedero alla macchia e commisero grassazioni e omicidi: ebbene, la maggioranza della popolazione simpatizzava con essi. Ma il mio delitto, agli occhi dei paesani, era d’altro genere, assai peggiore”.

